

A GRAMÁTICA E O LIVRO DIDÁTICO

Maria Inês Fernandes Ribeiro

RESUMO

Este artigo consiste no resultado de uma pesquisa realizada em um livro didático, cujo objetivo foi analisar como a gramática normativa foi trabalhada no livro em estudo. Tendo em vista que a partir da década de 70, os estudos lingüísticos avançaram significativamente rumo a ciência. Assim sendo resolvemos observar como esta está sendo tratada nos livros didáticos nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: livro didático, gramática, linguagem, ensino.

RESUMO

Este artículo consiste en el resultado de una investigación realizada en un libro didáctico, cuyo objetivo fue analizar como la gramática normativa fue trabajada en el libro en estudio. Con miras a que a partir de la década de 70, los estudios lingüísticos avanzaron significativamente rumbo la ciencia. Así siendo resolvemos observar cómo esta está siendo tratada en los libros didácticos los días actuales.

UNITERMOS:- libro didáctico, gramática, lenguaje, enseñanza.

INTRODUÇÃO.

Neste artigo será apresentado o resultado da análise realizada no livro didático Língua Portuguesa Comunicação e Cultura de autoria de Domício Proença Filho, da 6ª série do ensino fundamental. O respectivo livro foi adotado por um colégio da rede particular de ensino, localizado na região central de Várzea Grande, no ano letivo de 2006.

O livro didático é um farto material lingüístico para se refletir a linguagem. Logo deve ser elaborado de maneira a fugir as formas cristalizadas que proliferam nos manuais didáticos, priorizando sempre o aluno, de forma que o mesmo seja capaz de discutir, sentir, refletir e transformar a sua linguagem. (Infante & Nicola, 1994).

Na década de 80, a professora Maria Laura P. B. Franco (1985), realizou uma pesquisa onde se confirmou que 80% dos professores afirmam ter como principal material de apoio didático o próprio livro didático. Assim sendo, acreditamos que este deve ser o mais completo e atualizado possível e por isso deverá ser escolhido com cautela, baseado em critérios tais como: realidade da escola, objetivo do ensino de língua materna e adequações aos PCNs(Parâmetros Curriculares Nacionais). Acreditamos que os livros

didáticos devam contemplar a gramática normativa de forma significativa, permitindo assim que o aluno conheça as normas gramaticais que regem a sua língua, língua portuguesa e, a partir desse conhecimento, possam fazer as suas escolhas de acordo com as circunstâncias de usos.

Segundo Travaglia (2001), todo livro didático deverá propiciar ao aluno a interação com a linguagem, uma vez que todo falante nativo possui uma gramática internalizada da língua. entende-se aqui por gramática internalizada a capacidade que todo falante nativo tem de gerar seqüências lingüísticas gramaticais próprias e típicas da língua. Logo, cabe à escola e, em especial aos professores de língua portuguesa, mostrar ao aluno como a língua é constituída e como ela funciona, seja no seu aspecto formal, informal, oral ou escrito.

Nesta análise será mostrada como foi feita a abordagem da gramática normativa no livro em estudo, bem como o espaço destinado ao ensino da gramática normativa, portanto quaisquer outros aspectos que não estejam diretamente relacionados ao ensino da gramática não entrarão nesta análise, uma vez que nosso objetivo foi analisar o ensino da gramática no livro didático.

BRINCANDO DE ESCONDE-ESCONDE

O livro didático Língua Portuguesa Comunicação e Cultura de Domício Proença Filho, da 6ª série do ensino fundamental, apresenta-se dividido em 4 unidades, cada uma dessas unidades é composta de três capítulos, os quais se sub-dividem da seguinte forma:

I – Interpretando e produzindo

II – Organização do texto

III – Gramática Normativa

IV – Momentos de Lazer

V – Leituras Complementares

No sub-item **I: Interpretando e Produzindo**, o autor apresenta uma série de questões para que o aluno faça uma reflexão. São apresentadas propostas para produção escrita e em seguida são apresentadas umas conclusões sobre o gênero textual em estudo e novas propostas de produção escrita. São apresentados, também, textos para interpretação textual. Neste primeiro momento o importante é que o aluno realiza algumas produções escritas

sem se preocupar com a estrutura da mesma, pois no segundo momento será mostrada a ele a estrutura do gênero textual.

No sub-item **II: Organização textual** é apresentada ao aluno à parte estrutural do gênero em estudo. Neste segundo momento, o aluno já deverá se preocupar com a estrutura do texto. Novamente serão apresentadas ao aluno propostas de produção e também exercícios de reestruturação textual.

No sub-item **III: Gramática Normativa** é apresentado ao aluno a estrutura da língua, isto é, a gramática normativa, item que se apresenta intitulado de acordo com o conteúdo gramatical em estudo. Este item traz exercícios puramente gramaticais.

O sub-item **IV: Momentos de Lazer** traz alguns momentos de descontração, jogos, músicas e leituras divertidas.

O sub-item **V: Leituras Complementares** traz sempre um texto complementar do gênero estudado, para encerrar o capítulo.

Esta estrutura de divisão do livro se repete nas quatro unidades, seguindo exatamente esta mesma ordem, apresentada acima.

SOZINHO EU NÃO POSSO MAIS

Neste artigo analisamos apenas o sub-item **III**, destinado ao ensino da gramática normativa, uma vez que nosso objetivo foi verificar como foi feita a abordagem da gramática normativa no livro didático em estudo e em que proporção foi abordada, isto é qual é o espaço no livro destinado ao ensino da gramática normativa.

Como vimos, o livro apresenta-se dividido em unidades e capítulos. Cada unidade é composta de três capítulos e cada capítulo apresenta um tópico gramatical, somando um total de três tópicos por unidade, logo o livro possui um total de 12 tópicos gramaticais. Assim sendo, verificamos que o autor preocupa-se com a estrutura formal da língua, tendo em vista que dedica em cada capítulo um tópico para o estudo da gramática normativa, isto é para o estudo das regras que regem a nossa língua.

O termo gramática normativa deve ser entendido como um conjunto de regras a serem seguidas. Assim o ensino de gramática normativa pressupõe que há uma forma (única) de se falar e escrever corretamente. Desta forma, a matéria prima de estudo da gramática normativa pretende estabelecer as regras de uma língua e através delas ensinar a língua àqueles que já dominam outras variantes.(Murrie, 1991).

Ao analisar como é feita a abordagem da gramática normativa no livro didático em estudo, verificamos que a abordagem é feita de forma isolada, descontextualizada, isto é as frases são analisadas fora de um contexto, seguindo rigorosamente a forma como próprio livro é dividido. Primeiro o autor trabalha a produção textual, depois a organização estrutural do gênero em estudo e num terceiro momento a gramática normativa. É como se cada uma dessas partes fossem blocos isolados e não partes interdependentes que se unem para formar um todo. Vejamos alguns exemplos:

EX: 01- *Ele tenta se esquivar. Dá um drible espetacular na mãe! A mãe pega ele pela orelha! Pela orelha! E o juiz não vê isso! (pág-32)*

Este fragmento acima foi retirado de um texto já lido e discutido anteriormente com os alunos no sub-item I Interpretando e produzindo, na mesma unidade em que está sendo feito o estudo gramatical. Entretanto o estudo gramatical foi feito a partir de fragmentos retirados do texto, logo a fragmentação do mesmo geraria prejuízo na compreensão do texto, conseqüentemente geraria também prejuízo no momento de uma análise gramatical específica, uma vez que um fragmento solto pode gerar dificuldade na identificação do conteúdo gramatical em estudo. O texto é um todo organizado de sentido e a linguagem deve ser utilizada para criar e modificar situações interpessoais, deste modo não pode ser separado da nossa consciência que nossas orações só são adequadas e interpretáveis dentro de contextos determinados (Ilari, 2001). Assim o fato de a gramática ser trabalhada descontextualizada prejudica e dificulta a compreensão do aluno.

Ex: 02- *Na expressão pega ele o pronome está funcionando como sujeito ou como complemento do verbo? (pág-32)*

As questões gramaticais referentes ao fragmento do exemplo 02 acima tratam questões de usos formal e informal da língua, pronome sujeito ou complemento e palavras adjuntas. Considerando que os exercícios são direcionados para alunos da 6ª série do ensino fundamental, acreditamos que a fragmentação do enunciado gera dificuldades na identificação do conteúdo gramatical solicitado, uma vez que os mesmos não têm por hábito voltar a textos já lidos anteriormente para fazer os exercícios. Logo se o exercício trouxesse o enunciado completo, certamente o aluno teria mais condições de chegar a uma conclusão, a partir da análise do enunciado como um todo, isto é, não ficaria preso a frases soltas, onde a resposta obrigatoriamente leva o aluno a concluir que o

pronome está funcionando como complemento ou como sujeito, ou seja, a própria pergunta em si, já traz a resposta. A análise gramatical do enunciado levaria o aluno a refletir sobre sua resposta, a questioná-la e a chegar a uma conclusão segura, visto que muitas vezes o aluno tenta uma das alternativas oferecidas no enunciado da questão sem refletir sobre sua resposta.

Verificamos também que o autor não trabalha com conceitos, definições de nomenclaturas gramaticais, permitindo assim que o professor construa juntamente com os alunos tais conceitos, de acordo com sua concepção de língua e linguagem. Vejamos um outro exemplo:

Ex: 03- Eu me debrucei sobre o meu diário neste ultimo dia do ano. (pág-52)

Ex: 04- Eles e elas se amam. (pág-52)

A partir dos exemplos acima verificamos que o autor trabalha os pronomes, no entanto não apresenta o conceito dos mesmos, deixando assim o aluno apenas com o subsídio teórico que o professor apresentar a ele.

E O TEMPO LEVOU

Atualmente o ensino de língua portuguesa apresenta-se dividido entre duas tendências gramaticais: a conservadora e a inovadora. A primeira defende a evidência dos conceitos das nomenclaturas gramaticais nos livros didáticos, enquanto que a segunda defende o apagamento de tais conceitos. Contudo as duas tendências vem sendo discutidas freqüentemente nas escolas. Acreditamos que ambas têm muito a contribuir para o ensino de língua portuguesa, entretanto pensamos que seria mais conveniente que o aluno, a partir de uma determinada definição, mesmo que da gramática normativa tradicional, tentasse a validade ou não do conceito e decidisse em que momento ele se aplica e porque se aplica. Assim sendo, o apagamento dos conceitos gramaticais dos livros didáticos pouco ou nada tem a contribuir para o bom desempenho lingüístico do aluno, uma vez que o aluno da 6ª série ainda não tem por hábito fazer suas próprias anotações, busca tudo pronto, seja no livro didático ou no caderno. Assim pensamos que seria mais viável que o livro didático oferecesse ao aluno algum subsídio de apoio teórico, visto que o livro didático o principal material de apoio não só do professor, mas também do aluno. Logo este deve ser elaborado pensando no sujeito que vai fazer o uso do mesmo. Sabemos que atualmente os alunos estão ingressando cada vez mais novos na escola, em especial nas escolas particulares,

numa faixa etária entre 10 e 12 anos de idade, o que os torna um pouco imaturos para uma reflexão lingüística. Assim julgamos que o conceito das nomenclaturas gramaticais no livro didático seria interessante, pois além de auxiliar o aluno fora do contexto sala de aula poderia provocar discussões sobre a estrutura da língua. Temos consciência de que a evidência do conceito poderia inibir o professor, levando-o muitas vezes a acatar a definição apresentada pelo livro didático sem questioná-la, porém acreditamos que os profissionais da área de língua portuguesa devem estar preparados para selecionar o que há de bom e ruim em um livro didático.

SOMOS TODOS IGUAIS

Outra observação que julgamos importante apontar é a repetição de modelos de exercícios. Verificamos que os exercícios do tipo: destaque, diga, indique e identifique são freqüentes no livro, bem como as perguntas diretas do conteúdo gramatical em estudo, vejamos alguns exemplos que comprovam nossa observação.

Ex: 05- Destaque as formas pronominais que soam independentemente da forma verbal que complementam: (pág-52).

Ex: 06- Destaque as formas de complemento relacionadas, respectivamente, com a primeira e segunda pessoa do plural: (pág-52).

Ex: 07- Destaque as passagens em que se caracteriza o uso informal da língua: (pág-84).

Ex: 08- Destaque as orações adjetivas presentes no poema e as palavras a que se referem: (pág-152).

Ex: 09- Destaque as orações subordinadas presentes no trecho lido: (pág-190).

Ex: 10- Diga o que acontece, em relação ao sujeito, com os pronomes destacados (pág-53).

Ex: 11- Diga qual é o verbo principal da locução “tem cantado”. (pág-85).

Ex: 12- Diga em que sentido está sendo usado o verbo ensinar: (pág-193).

A repetição dos modelos de exercícios é constante, chegando até mesmo a repetir o modelo do exercício na mesma página como podemos ver nos exemplos 04 e 05 da página 52. Acreditamos que essa repetição de modelos não traz grandes prejuízos, mas pode condicionar o aluno a ficarem presos a tal modelo, vindo a ter dificuldade de interpretar outros modelos de exercícios. Quanto mais variedade de exercícios melhor.

QUEM SABE FAZ A HORA NÃO ESPERA ACONTECER

Observamos também que no livro há exercícios que fazem perguntas diretas em relação ao conteúdo gramatical em estudo.

Ex: 13- Qual a classe gramatical da palavra menino? (pág-83)

Ex: 14- De quantas orações se constitui o segundo período do trecho? (pág-130)

Ex; 15- De quantos períodos se faz o texto? (pág-190)

A partir dos exemplos acima podemos perceber que mesmo que o autor do livro tente fugir da tendência gramatical conservadora, em alguns momentos ele se deixar levar por ela, mesmo que não apresente ao aluno os conceitos das nomenclaturas gramaticais ele sugere a partir da elaboração do exercício que o aluno precisa de tais conceitos para conseguir a resposta esperada por ele, (autor do livro). Para se conseguir responder as questões dos exemplos 13, 14 e 15 acreditamos que os alunos precisam de uma conceituação das nomenclaturas gramaticais. Possivelmente o autor não apresenta esses conceitos, para que o professor tenha a liberdade para trabalhá-los de acordo com sua concepção de língua e linguagem. No entanto acreditamos que seria mais viável que o livro didático trouxesse esses conceitos para que o aluno juntamente com o seu professor pudesse testar a validade ou não dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES

Partindo da análise realizada no livro didático “Língua Portuguesa Comunicação e Cultura”, de Domício Proença Filho, da 6ª série do ensino fundamental percebemos que os autores de livros didáticos têm se preocupados em atender as mudanças pelas quais o ensino de língua portuguesa vem passando. No entanto este é um processo longo, visto que ainda carregamos conosco, concepções já ultrapassadas. Não é nada fácil nos desprendermos do nosso passado e, para a gramática normativa, a língua corresponde à forma de expressão observadas e produzidas por pessoas cultas. De acordo com Sírío Possenti (2004) nas sociedades que se tem língua escrita, é esta modalidade de língua que funciona como modelo, acabando por representar a própria língua. Logo é esta que encontramos na maioria dos livros didáticos.

Verificamos que o livro didático estudado foi dividido em unidades, capítulos e tópicos, o que nos inspirou a dividir nosso artigo também em tópicos, desse modo cada um dos tópicos apresentado por nós sugere aos leitores uma certa malícia ao lê-lo. Assim sendo sugerimos que os leitores permeiam as entrelinhas de cada tópico apresentado e,

estabeleçam relação com a análise do livro bem como façam alusão aos conhecimentos prévios que trazem consigo.

O livro didático em estudo atende a proposta dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o ensino de língua materna. Os PCNs propõe que os livros didáticos trabalhem com os gêneros textuais, o livro em estudo aborda uma grande variedade de gêneros. É proposto pelos PCNs que os livros didáticos trabalhem as questões USO-REFLEXÃO-USO, da língua, neste aspecto acreditamos que o autor do livro deixou a desejar, uma vez que enquanto o trabalho se referia à produção e organização textuais, isto até foi possível, mas, quando o assunto é a estrutura da língua o autor trabalha de forma estruturalista, tendo em vista os modelos de exercícios que traz o livro no item destinado ao ensino da gramática normativa, são exercícios que concebem a língua como um conjunto de estruturas fixas. Contudo, sabemos que o sistema lingüístico está sujeito a variações determinadas no tempo e no espaço e, que são necessárias para que a nossa língua permaneça viva. Acreditamos que também é necessário que haja uma forma que seja padronizada a todos falantes de uma dada língua. Logo nos deparamos, mais uma vez, com o conflito existencial em torno do ensino de gramática normativa.

Corroboramos com Travaglia (2001) que o livro didático deverá propiciar ao aluno a interação com a linguagem, uma vez que todo falante nativo possui uma gramática internalizada da língua. Entende-se aqui por gramática internalizada a capacidade que todo falante nativo tem de gerar seqüências lingüísticas gramaticais próprias e típicas da língua. Logo, cabe a escola e em especial aos professores de língua portuguesa mostrar ao aluno como a língua é constituída e como ela funciona, seja no seu aspecto formal, informal, oral ou escrito. Assim sendo, pensamos que o livro em estudo não favorece essa interação do aluno com a linguagem, pois ainda trabalha a gramática de forma isolada, descontextualizada, isto é, de forma estrutural. Logo o livro em estudo traz uma aparente renovação, uma vez que o autor já não traz explícitos as definições e conceitos das nomenclaturas gramaticais, mais ainda é muito pouco, pois se não houver uma proposta de interação e reflexão com a linguagem, os nossos alunos continuarão sem compreender a função e a importância da gramática para sua vida. Portanto de nada adianta um livro não trazer evidente os conceitos gramaticais, se o mesmo traz exercícios estruturais. Acreditamos que o livro didático deverá ser elaborado pensando no sujeito que irá fazer o

uso do mesmo. Não podemos nos esquecer que nossos alunos são sujeitos ativos pensantes, capazes de refletir e, certamente obteriam melhores resultados se recebessem melhores orientações. Partindo da nossa experiência, enquanto professores de língua portuguesa, podemos afirmar com propriedade que os alunos da referida série ainda são bastante dependentes do subsídio teórico, livro didático, pois por mais que o professor construa, juntamente com eles, os conceitos para as nomenclaturas gramaticais a serem estudadas, é no livro didático que eles procuram as respostas para as suas dúvidas imediatas. Eles até se esquecem que tem algumas anotações feitas no caderno. Neste sentido, um bom livro didático poderia ser um forte aliado do professor em sala de aula, bem como poderia despertar o aluno para o farto material lingüístico que tem em suas mãos. Assim podemos dizer que o livro didático analisado tem seus pontos positivos e negativos, cabe ao professor saber explorá-los.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6ª ed, São Paulo: Cortez, 2001.
- POSSENTI, Sírio. **Por Que (Não) ensinar gramática na escola**. Campinas, S.P: Mercado de Letras, 2004.
- Parâmetros curriculares Nacionais: **terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, MEC/ SEF, 1998.
- ILARI, R< e POSSENTI, S. “**Português e ensino de gramática**”. In *Projeto IPÊ*. Língua Portuguesa II. São Paulo: CENP/SE.
- SUASSUNA, Livia. **O Ensino de Língua Portuguesa: Uma abordagem Pragmática**.
- NICOLA & INFANTE: **Gramática Contemporânea de Língua Portuguesa**. 13ª ed. São Paulo, Scipione, 1994.
- MURRIE, Zuleika de Felice: **Reflexões sobre o ensino/aprendizagem da Gramática: Proposta Curricular para o Ensino de Língua Portuguesa- 1º Grau**, São Paulo, 4ª ed. CENP/SE, 1991.
- MARINHO, Marildes. **A língua Portuguesa nos Currículos de Final de Século**. In: BARRETO, Elba S. DE Sá. **Os Currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. São Paulo: Autores Associados, 1998.